

## Estiagem provocou sérios prejuízos à produção catarinense

Simão Brugnago Neto<sup>1</sup>

A estiagem que na safra 2003/04 já havia prejudicado seriamente a produção catarinense de grãos voltou a afetar, com maior intensidade, a produção da safra 2004/05.

O clima relativamente favorável durante o período da sementeira, conjugado com a projeção de um pequeno aumento na área total a ser plantada, projetava, de início, com cenário bastante otimista quanto ao potencial da produção catarinense.

Em novembro de 2004, o IBGE/GCEA/SC estimou a área a ser cultivada com arroz, feijão, milho e soja em 1.424,8 mil hectares, ou seja, num montante levemente maior que os 1.419,5 mil hectares plantados na safra 2003/04. Com tal área e com clima normal, a previsão era de que a produção desses grãos poderia alcançar 6.320,4 mil toneladas, volume 25% acima dos 5.055,0 mil toneladas colhidas na frustrada safra 2003/04.

Todavia, a falta de chuvas em níveis adequados e a má distribuição que se registrou desde o final de 2004, acentuada nos primeiros meses de 2005, causou forte impacto sobre a produção estadual, especialmente no que concerne às culturas de milho, soja e feijão. No caso do arroz, embora o cultivo irrigado tenha registrado uma evolução praticamente normal, o cultivo de sequeiro foi severamente prejudicado.

Além da produção de grãos, o fenômeno também repercutiu negativamente na safra de fumo e na produção leiteira. No caso do

leite, o prejuízo decorreu do fato de as pastagens terem ficado bastante comprometidas, tanto em qualidade quanto em quantidade.

O comportamento de cada cultura pode ser assim sumariamente descrito:

**Milho** – apesar de as lavouras semeadas em setembro e nos primeiros dias de outubro terem apresentado rendimentos normais, as cultivadas a partir de então foram severamente afetadas, uma vez que a maioria delas encontrava-se nas fases mais suscetíveis à falta de água. No global, a produção inicialmente prevista em 4,14 milhões de toneladas sofreu uma perda de 32,4%, caindo, segundo o IBGE, para apenas 2,8 milhões de toneladas. Em razão da forte quebra da produção o déficit do cereal, que inicialmente estava sendo projetado em pouco mais de 800 mil toneladas, cresceu para algo próximo de 1,9 milhão de toneladas.

**Soja** – ao contrário do milho, as lavouras de soja, em razão de o plantio concentrar-se nos meses de outubro e novembro, foram atingidas, em sua grande maioria, quando se encontravam em floração e formação de grãos, fases críticas para seu desenvolvimento. Além disso, a irregularidade do clima proporcionou uma maturação desuniforme, fato que não só aumentou a perda de produtividade, como provocou a diminuição da qualidade do produto colhido. Em termos médios, os prejuízos se situaram em 34,8%, com redução do potencial de produção de 918 mil para 599 mil toneladas.

**Feijão** – o cultivo da primeira safra da leguminosa ocorre, na maioria das regiões do Estado, nos meses de setembro e outubro. Como é uma cultura de ciclo curto, grande parte das lavouras já se encontrava colhida ou por colher antes do período de ocorrência do fenômeno. Todavia, nas microrregiões do Planalto Sul, em razão do clima mais frio, a sementeira acontece mais tardiamente. Como decorrência disso, grande parte das lavouras encontrava-se nas fases de floração ou de enchimento de grãos. Como estas são fases críticas para a cultura, a falta de chuvas provocou perdas bastante acentuadas, especialmente na microrregião de Curitiba. No total da primeira safra, as perdas atingiram 29,7%, o que reduziu o potencial da produção de 130,5 mil para 91,8 mil toneladas.

No que concerne à segunda safra, cuja sementeira acontece entre a segunda quinzena de janeiro e a segunda dezena de fevereiro, a falta de chuvas, além de ter prejudicado o desenvolvimento impediu que grande parte da área fosse semeada, fato que reduziu o plantio de 35,5 mil para apenas 28,5 mil hectares. A produção que em condições normais de sementeira e clima poderia atingir perto de 35,5 mil toneladas, situou-se em apenas 18,2 mil, apresentando uma perda de 48%.

**Arroz** – no caso do arroz, apesar de o cultivo irrigado ter apresentado uma redução de apenas 0,2% na produção, o cultivo de sequeiro teve seu potencial reduzido de 12,9 mil para apenas 2,6 mil toneladas. No somatório, a quebra situou-se em

<sup>1</sup>Eng. agr., Instituto Cepa/SC, C.P. 1.587, 88034-000 Florianópolis, SC, fone: (48) 239-3922, fax: (48) 334-2311, e-mail: brugnago@icepa.com.br.

15,6 mil toneladas, montante que representou um decréscimo de 1,5% em relação aos 1,06 milhão de toneladas inicialmente previstas.

Em termos gerais, as perdas na produção de milho, feijão soja e arroz somaram pouco mais de 1,76 milhão de toneladas, ou seja, 27% da produção inicialmente estimada. Com essas perdas a produção catarinense de grãos atingiu o menor patamar das últimas três safras (Tabela 1).

No que diz respeito ao fumo e ao leite, a falta de chuvas provocou prejuízos menos acentuados que os registrados no caso dos grãos. Para essas atividades a situação foi a seguinte:

**Fumo** – a carência de umidade, além de ter acarretado perda na produtividade, que redundou em um decréscimo de 7,5 mil toneladas na produção (menos 2,6% em relação à inicialmente prevista), provocou danos à qualidade do produto colhido. Como os prejuízos decorrentes da perda de qualidade só serão conhecidos após o final da comercialização da safra, o valor das perdas está sendo calculado apenas sobre a redução do volume físico da produção. É certo, entretanto, que as perdas qualitativas serão maiores que as quantitativas, já que, ao comprometer a classificação do fumo, reduzirá sensivelmente o preço médio aos produtores.

**Leite** – as perdas foram estimadas em aproximadamente 16,5% da produção do período, dezembro a fevereiro. Nesse período deixou-se de produzir cerca de 57,8

Tabela 2. Santa Catarina, perdas com as estiagens

Produto	Perda	Valor	Perda
	t	R\$/t	Mil R\$
Milho	1.340.000	292,00	391.280,0
Soja	319.000	533,00	170.027,0
Feijão 1ª safra	38.700	1.154,00	44.659,8
Feijão 2ª safra	17.300	1.154,00	19.964,2
Arroz	15.630	460,00	7.189,8
Subtotal grãos	1.730.630	-	633.120,8
Fumo	7.500,0	4.500,00	33.750,0
Mandioca	19.080	140,00	2.671,2
Uva	6.000	500,00	3.300,0
Banana	2.511	182,00	456,5
Maçã	65.906	500,00	32.953,0
Leite (mil L)	57.772	480,00	27.730,6
<b>Total geral</b>			<b>733.982,1</b>

Fontes: IBGE e Instituto Cepa/SC.

milhões de litros. É importante ressaltar que as perdas mais significativas ocorreram em fevereiro, mês em que os efeitos das estiagens se fizeram sentir de maneira mais aguda na produção de leite do Estado.

Além desses produtos, também foram relatados prejuízos nas culturas de banana, maçã, mandioca e uva.

Em termos monetários, quando considerados os preços mais comuns ofertados em nível de produtor, o somatório dos prejuízos

ascenderam a 733,982 milhões de reais (Tabela 2).

Além das perdas descritas, deve-se levar em conta também que os custos de produção, em razão do forte incremento dos preços dos insumos, sofreram expressivos crescimentos, fatores que, aliados à redução dos preços internos do arroz e ao declínio acentuado do câmbio e das cotações internacionais do milho e da soja, provocaram substancial redução na renda dos produtores.

Neste contexto, há que se considerar ainda que os prejuízos estão se refletindo no movimento financeiro, no comércio, na arrecadação dos impostos, além de obrigarem os governos a promoverem ações para a sustentação da renda dos produtores e de negociações referentes à postergação de parcelas dos financiamentos contratados.

Além disso, não se deve desconsiderar os prováveis reflexos sobre o plantio da nova safra, o qual, diante das dificuldades financeiras dos produtores, poderá acusar não só algum declínio na área a ser semeada como, e principalmente, a redução de produtividade em razão da perspectiva de diminuição do uso de insumos. ■

Tabela 1. Evolução da produção estadual de grãos

Produto	Safra		
	2002/03	2003/04	2004/05
	.....Mil t.....		
Arroz	1.034,6	1.011,6	1.047,8
Feijão	188,6	143,9	110,1
Milho	4.310,9	3.257,8	2.800,0
Soja	712,2	641,7	599,0
<b>Total</b>	<b>6.246,3</b>	<b>5.055,0</b>	<b>4.556,9</b>

Fonte: IBGE/GCEA/SC.